

Resiliência/Acomodação das Missões dos Jesuítas: os casos do Brasil e do Japão

Maurício Ieiri¹
Fernanda Santos²

Resiliência e acomodação: introdução dos conceitos

O termo acomodação, em latim *accomodatio*, é utilizado para definir a atitude dos missionários jesuítas na Ásia na Idade Moderna, e igualmente passível de ser aplicado aos jesuítas missionários do Brasil (MASSIMI e FREITAS, 2007). O vocábulo tem diversas acepções no Dicionário Houaiss, podendo significar hospedagem ou adequação a um modo de vida, ausência de ambição ou conformismo. Nos dias de hoje, poderíamos ainda recorrer à sua utilização na medicina espacial, como “ adaptação funcional do corpo às modificações ambientes “. Na Biologia, sinônimo de “aclimatação”. Na Fonologia, “ desvio da articulação típica de um fonema a fim de adaptá-la à prolação do fonema seguinte ou à do antecedente “. E na Geologia, o “ movimento da crosta terrestre no qual, cobrindo-se falhas pu vácuos, ocorre nivelamento ou sobreposição de camadas “. Em termos jurídicos, nada mais significa do que uma conciliação por arbitragem. E nas áreas de estudo com as quais mais dialogamos, a Psicologia e a Sociologia, as suas definições não deixam margem para dúvidas da aplicabilidade do termo “acomodação” às nossas pesquisas. Na sociologia, a acomodação é a modificação das formas de relação entre pessoas ou grupos para evitar, diminuir ou suprimir tensões e conflitos.

No caso da Psicologia, a acomodação é um “ dispositivo básico de adaptação ao qual se recorre para explicar o desenvolvimento do pensamento e da inteligência “ (HOUAISS, I, 2005: 175-176). Piaget considera a acomodação como o conjunto de transformações da estrutura organizacional da acção e do pensamento para se adaptar às

¹ Mestrando em História dos Descobrimentos e da Expansão na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Investigador CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas da Universidade de Lisboa.

² Doutoranda em História na Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista Fundação Cência e Tecnologia, Investigadora CLEPUL.

exigências do meio ambiente. A acomodação é, para o autor, um processo social com o objectivo de diminuir o conflito entre indivíduos ou grupos, reduzindo o atrito ou mesmo encontrando um novo *modus vivendi*. Este ajustamento formal e externo aparece apenas nos aspectos superficiais do comportamento, sendo pequena ou nula a mudança interna, relativa a valores, atividades ou significados. Assim, acomodação formulada no sentido de Jean Piaget, pode ser entendida como um dos mecanismos de adaptação que estruturam e impulsionam o desenvolvimento cognitivo, visto que os esquemas mentais se modificam em função das experiências e relações com o meio (PIAGET, 1973).

Todavia, colocamos em diálogo este conceitos: o de resiliência, uma propriedade da Física que “alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica”. Ou, num sentido figurado, “a capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças”. A etimologia latina da palavra latina *resiliens, resilientis* provém do particípio presente do latim *resilire*, que significa “saltar para trás, voltar; ser impelido, relançado; retirar-se, recuar; dobrar-se, encolher-se, diminuir-se; rebentar, romper”. Já o verbo “resilir” pode significar “pôr fim a uma convenção, a um contrato, a um acto; rescindir, anular” ou “voltar ao ponto de partida”, “soltar-se, escapular” (HOUAISS, 2005: 6974). Em termos semânticos, resilir pode ser sinônimo de enfrentamento das adversidades com um mínimo de disfuncionalidade, superando-as e fortalecendo-se com elas. O conceito de resiliência é claramente a antítese da resistência à mudança: é a resistência na mudança (ARAÚJO, 2009: 7).

Pretendemos, nesta pesquisa, dar conta de como os Jesuítas juntaram, numa Ordem religiosa, estas duas características, acomodação e resiliência, tendo em conta que em espaços tão diversos como a América ou o Oriente foram agentes de grandes mudanças sociais e culturais, acomodando-se pela adaptação aos costumes locais, mas ao mesmo tempo sem vergarem os princípios constitutivos do seu pensamento religioso e pedagógico, veiculado por instrumentos de homogeneização da sua conduta, nomeadamente no ensino, como as Constituições, a *Monumenta Paedagogica* e a *Ratio Studiorum*. Ou seja, se a adaptação externa dos Jesuítas se constrói por percalços e disputas, os seus objectivos enquanto Ordem e o seu ideário religioso pouco ou nada sofrem perante as ameaças.

Em termos retóricos, acomodação é um termo do autor latino Cícero, e implicava aspectos de interação activa entre o orador e o seu público. Isto implicava que o orador tivesse um conhecimento profundo de quem era o seu público, aplicando assim a sua técnica retórica com eficácia (MADEIRA, 2009: 3).

Missionação da Companhia de Jesus de Ocidente a Oriente

A Companhia de Jesus nasceu no contexto da modernidade de Quinhentos, enraizada no humanismo da Reforma. O advento da modernidade trouxe consigo um afinado sentido do religioso, não menos mobilizador do que na Idade Média. A nova era da proto-globalização proporcionou a universalização do Cristianismo nos mundos recém-descobertos, mas também fez surgir um tempo de acesa concorrência e debates no seio universo religioso, nomeadamente no contexto do catolicismo, entre as ordens católicas, quer pelo monopólio do ensino, quer pela disputa de territórios de missão. Ao mesmo tempo, com a afirmação das Igrejas reformadas, em particular as luteranas e as calvinistas, desencadeou-se um conflito fracturante no seio da Cristandade, que envolveu não só intelectuais em disputas teológicas, como também a confessionalização de sociedades e estados, responsáveis políticos e diplomáticos desembocando em situações de violência persecutória.

À semelhança do que acontecia com Espanha, a estratégia política expansionista do Império Português, com os seus objectivos religiosos e económicos, encontrou na Igreja Católica e nas suas multinacionais Ordens Religiosas (em particular os Franciscanos, Dominicanos, Agostinhos, Carmelitas e depois, fortemente, os Jesuítas), instrumentos de expansão, povoamento e colonização. O Cristianismo, desde o início foi estruturalmente missionário. E tal como o Islão, caracteriza-se como uma religião por mandato do fundador expansionista à escala global e, por isso, construtora de uma dada universalidade e de uma mundividência nova. Essa característica marcou a sua caminhada histórica ao longo dos séculos, sendo que o seu estatuto missionário se alimentou da palavra e do mandato do Evangelho (MOURÃO, 2008: 229). As missões nasceram com naturalidade no solo da Igreja em geral e das Ordens em particular. A

criação do Império Português deveu-se, em grande medida, à Igreja e à sua assessoria espiritual, intelectual e até mesmo técnica, fazendo assim do Cristianismo um dos elementos essenciais de expansão (COLLA, 2008: 403).

Se a Europa apareceu como um espaço dilacerado pelas cisões religiosas das reformas, fragmentada também pelos nacionalismos emergentes, manteve, no plano ético, uma unidade cultural de fundo, assente no Cristianismo e na herança da cultura clássica, que apontava, em última instância, para uma consciência do universal. Nos séculos XV e XVI deu-se um alargamento das fronteiras do universal, com as grandes navegações e a expansão europeia.

Os Jesuítas, em especial, mas sem esquecer o papel importante das outras ordens católicas, quiseram levar o mais longe possível o seu esforço utópico de universalização do Cristianismo, motivados por um ambiente de militância proselitista impulsionada pela Contra-Reforma, consagrada no Concílio de Trento (1543-1563) (URBANO, 2009: 27-28). No contexto histórico, o desenrolar da Reforma protestante e sua expansão na Europa levaram a uma tentativa de fortalecer as bases do Cristianismo romano nos reinos que haviam resistido às investidas do protestantismo, como França, Espanha, Portugal, Itália. Essa será também uma missão a que os Jesuítas assumiram como frente de intervenção prioritária. A aposta na criação de uma rede internacional de colégios não pode ser desligada desta militância anti-protestante, ou seja, como instrumento fundamental para preparar novas elites católicas melhor formadas em ordem a sustentar o movimento protestante mais alfabetizado e até mais intelectualizado. A Companhia de Jesus elegeu-se como um grupo missionário de elite para prosseguir o escopo de luta contra o protestantismo (FRANCO, 2006: 155).

Podemos, em certa medida, aventar que a primeira tentativa de criar redes globais de ensino está associada aos colégios dependentes de congregações religiosas. Neste sentido, é pioneira e emblemática a rede de colégios intercontinental dos Jesuítas, com a mesma estrutura, o mesmo ideário, os mesmos manuais e até o mesmo método de ensino, por vezes até com um conceito arquitetural mimeticamente reproduzidos nas diferentes paragens do globo onde implantavam os edifícios colegiais, embora com as devidas adaptações à cultura arquitetural das regiões onde se instalavam. Neste sentido, verificou-se que a acomodação dos Jesuítas, nem sempre fácil em algumas

paragens do globo terrestre, esteve em constante construção e foi um objectivo definido a longo prazo, no sentido de permitir que as estruturas da Companhia perdurem.

A vinda dos Jesuítas para Portugal deveu-se à iniciativa de D. João III, a quem o Doutor Diogo de Gouveia, responsável pelo Colégio de Santa Bárbara em Paris, indicara a existência de um novo grupo de clérigos que considerava aptos para converter toda a Índia. (COUTO, 2008: 12). Santo Inácio de Loyola enviou para Portugal, em 1540, dois dos seus primeiros companheiros: o navarro Francisco Xavier e o português Simão Rodrigues. O primeiro partiu no ano seguinte para a Índia, enquanto o segundo ficou na Europa, lançando as bases da Província de Portugal, erecta como primeira província de toda a Ordem, em 1546.

Os Jesuítas portugueses foram educadores, confessores e pregadores dos reis e da corte, mas dedicaram-se com igual entusiasmo a um vasto leque de outras tarefas. A comprová-lo está o apelo pela dedicação ao ensino do catecismo e pela abnegação com que se entregaram aos ministérios sacerdotais e a obras caritativas. Ocupavam-se dos encarcerados, visitavam os hospitais, assistiam os condenados à morte e, indiferentes aos perigos, excediam-se em generosidade por ocasião de epidemias e calamidades.

A expansão em Portugal foi acompanhada desde o início por grande empenho missionário. Em 1542, S. Francisco Xavier desembarcou em Goa com dois companheiros e, depois de percorrer vastas regiões da Índia, esteve em Malaca e nas Molucas, chegando ao Japão em 1549. Veio a falecer em 1552, quando se preparava para entrar na China. A evangelização do Oriente continuou a cargo de sucessivas levadas de missionários que diversificaram as regiões alcançadas: Macau (1565); império do Grão Mogol (1579), China (1583), Pegu e Bengala (1598), Cochinchina (1615), Cambodja (1616), Tibete (1624), Tonquim e Sião (1626), Laos (1642).

Na África, os Jesuítas estavam no Congo em 1547, e na Angola em 1560; no ano de 1557, chegavam à Etiópia e, em 1560, penetraram em Moçambique, na região do Monomotapa. Em 1604, iniciaram a missão em Cabo Verde onde passaram à Guiné e Serra Leoa.

A primeira expedição ao Brasil, em que ia como superior o P. Manuel da Nóbrega, data de 1549 e foi seguida por numerosas levadas de missionários.

Inseridos no Padroado português, os religiosos da Companhia partilhavam espontaneamente da mentalidade da época, segundo a qual o apoio das autoridades civis

constituía o caminho mais seguro e eficaz para a cristianização. Ao mesmo tempo, contudo, alguns Jesuítas mais ousados, animados pelo espírito de missão até ao risco do martírio, dispuseram-se a ultrapassar as zonas directamente controladas pela administração portuguesa, tornando-se até exploradores europeus pioneiros de regiões inóspitas e desconhecidas. São quase lendárias as figuras do P. António de Andrade e do Ir. Bento de Góis: o primeiro viajou até ao Tibete, sendo o primeiro europeu a atravessar os Himalaias; o segundo foi o primeiro explorador português do caminho terrestre da Índia para a China através da Ásia Central.

A todas as regiões que missionaram, os Jesuítas levaram a preocupação pedagógica que os caracterizava. Principalmente no Brasil, fundaram uma rede de colégios, seminários e escolas primárias e oficiais com ensino gratuito sustentado por explorações agro-pecuárias e outras propriedades legadas para património dos centros de ensino. No campo científico, os missionários da Companhia efectuaram observações que vieram enriquecer o conhecimento das regiões que percorreram. A linguística foi outro campo em que se tornaram beneméritos. A preocupação de aprender as línguas dos povos que evangelizavam levou-os a elaborar gramáticas e dicionários e a publicar obras de catequese e outras nas mais variadas línguas.

Acomodação na vida em missão no Brasil

A missão brasileira da Companhia de Jesus iniciou a sua atividade por terras de Vera Cruz a 29 de março de 1549, com a chegada de Manuel da Nóbrega a mais cinco jesuítas à Bahia. Esta data corresponde, em simultâneo, ao início da evangelização e da sistemática colonização portuguesa deste território. Durante a sua permanência de duzentos e dez anos no Brasil até à sua expulsão em 1759, os jesuítas foram um agente importante na exploração geográfica e na colonização europeia. Por um lado, foram os primeiros a desbravar o sertão e a floresta. Por outro lado, os colégios e outras casas constituíram o núcleo inicial de vilas e cidades brasileiras (OSSWALD, 2010: 135). Este carácter pioneiro dos Jesuítas tornou-os no corpo missionário mais numeroso e mais espalhado no Brasil, de tal forma que em 1553 para 1556 o seu número tinha ascendido de treze para trinta e seis jesuítas.

No Brasil, vastos são os exemplos da acomodação e da resiliência dos Jesuítas. Deparando-se com inúmeras dificuldades, para todas tiveram respostas adaptadas a um novo meio social. Os relatos jesuítas abundam com frequência referindo as inúmeras dificuldades que caracterizava o seu quotidiano, sobretudo nos primeiros anos da sua presença no Brasil e ainda durante as suas viagens. São conhecidos os relatos do cronista do Brasil Simão de Vasconcelos, descrevendo os difíceis começos da casa jesuíta de Piratininga, S. Paulo. Os primeiros jesuítas teriam vivido numa casa de palha com uma divisão única, onde se encontravam a escola, a enfermaria, o dormitório, a cozinha e a dispensa. Manuel da Nóbrega descreveu situação idêntica na Bahia, em 1557. Por falta de cobertores, os jesuítas aqueciam-se durante a noite, acendendo fogueiras. O seu vestuário de algodão era muito pobre, não tinham calças nem sapatos. Apesar do frio, muitas vezes os jesuítas liam as lições fora de casa devido ao incómodo causado pelo fumo das fogueiras acesas no interior. A sua alimentação estava reduzida a farinha e mais raramente a peixe do rio e caça do mato, servidos sobre folhas largas de árvores, na ausência de mesas (MB, II, 1956: 408).

Os jesuítas andavam muitas vezes sozinhos, por períodos de seis ou sete meses. Era viagens marcadas pela doença, pela fadiga, pelo sofrimento, devido aos rigores climáticos (chuvas tropicais, temperaturas extremas) e outras adversidades da Natureza (florestas densas, desertos sinistros, rios caudalosos, e ainda ataques de insetos, cobras, plantas venenosas). Do dia a dia fazia parte a escassez alimentar, bem como a sujeição a ataques de tribos índias ou mesmo de europeus.

As queixas mais frequentes que aparecem na correspondência jesuítica eram relativas à alimentação, pois escasseava trigo, sal, azeite, e ainda vinho. A resistência de um jesuíta tinha de ser a de um guerreiro preparado para a batalha. Além destas dificuldades, tinha de saber gerir o asco provocado pelo facto de ter de comer em alguidares onde os índios tinham cozinhado carne humana. Mas a este asco sobrepunha-se, rapidamente, a fome. A falta de vinho, por exemplo, levou a que não se celebrasse sempre missa (MB, II, 1956: 45 e 48)

Desde o início da presença jesuíta fora da Europa, a acomodação gastronómica foi uma constante. Muitos missionários aprenderam a apreciar, assim como a valorizar, os produtos locais na sua alimentação. Também no Brasil os jesuítas foram pioneiros em descobrir alimentos capazes de substituir os produtos europeus, prova da sua

capacidade de adaptação ao terreno, ou mesmo capacidade de luta e de sobrevivência. Citamos, a título de exemplo, as afirmações de Manuel da Nóbrega, em 1549, dizendo que o pão de mistura de milho e trigo feito na Bahia escusava ao pão de trigo português (MB, II, 1956: 148). A mesma opinião era partilhada por Baltasar Fernandes, que escreveu, em 1567, que “o pão de Piratininga era tão bom que não alembra o pão do Reino “ (MB, IV, 1960: 424).

Os relatos mostram uma percepção cada vez mais positiva dos produtos locais. Na visão jesuíta, estes ganhavam em qualidade quando comparados com os produtos europeus, tanto do ponto de vista de saúde como do gosto (OSSWALD, 2010: 139).

Para além da acomodação gastronómica, os Jesuítas distinguiram-se pelo seu conhecimento das culturas e das línguas locais, assim como das línguas africanas, para além da celebração da missa nas línguas locais, eles serviam de intérpretes entre os colonizadores europeus e os povos locais ou os escravos. Notabilizaram-se ainda com importantes trabalhos de engenharia de estradas, hidráulica e militar (OSSWALD, 2010: 143).

Com uma capacidade de adaptação às adversidades invejável, o que poderemos classificar como resiliência dos Jesuítas no Brasil? Se encararmos resiliência com a classificação que lhe atribuímos, no início do texto, como o enfrentar das adversidades, a resistência dentro da mudança, os Jesuítas são um exemplo claro de uma Ordem religiosa que, nascida para instruir e catequizar, nunca largou de vista esses objectivos, pugnando avidamente por eles contra todos os obstáculos físicos e materiais que encontrava. Segundo os Exercícios Espirituais, um jesuíta não deveria ter inclinações, reacções pessoais ou vontade própria. Os membros da Companhia de Jesus deveriam estar em total obediência e resignação, dentro dos seus votos de pobreza, obediência, castidade e obediência ao Papa (GAMBINI, 2000: 92).

Acomodação e Resiliência no Japão

Seria um erro afirmar que houve uma profunda acomodação por parte dos jesuítas que fizeram parte das Missões no Japão, não houve possibilidade para que tal ocorresse. A história das Missões dos jesuítas no país oriental foi conturbada e violenta;

presa a uma maré de acontecimentos que modificavam constantemente o cenário político local; os jesuítas estavam à merce dos poderes que governavam o arquipélago.

A civilização nipônica teve seu primeiro contato com os europeus em 1543, quando três portugueses chegaram em um pequeno junco, desviados de seu caminho por uma tempestade, e traziam um objeto que mudou os rumos dos acontecimentos militares do país, uma espingarda. A espingarda foi tomada por muitos estudiosos como um símbolo do contato entre os dois povos e das marcas que os estrangeiros deixaram na cultura japonesa; apelidada de Tanegashima, nome da ilha em que chegaram os portugueses, a arma caiu nas graças do *daimio*, o senhor de uma porção de terra, que logo a apresentou para Oda Nobunaga. O Japão estava mergulhado em sucessivas guerras civis, um complexo quadro formado por alianças de diversos poderes locais que se armavam na tentativa da consolidação de um poder nacional, Oda Nobunaga se enquadrava como um excelente estrategista que rapidamente ascendia como grande senhor da guerra e as armas de fogo introduzidas pelos portugueses, apenas iriam confirmar sua genialidade bélica. Em pouco tempo, os japoneses fabricavam as espingardas em larga escala e os homens de Nobunaga aplicavam esmagadoras vitórias com uma nova forma de guerrear. As baixas inimigas foram pesadas, pois poucos homens armados com a Tanegashima conseguiam facilmente eliminar unidades inteiras de cavalaria samurai.

O contato inicial entre os dois povos teve o auxílio do momento peculiar em que chegaram os europeus. Talvez se tivessem alcançado o litoral japonês em um momento de estruturação governamental e unidade administrativa, a aceitação dos estrangeiros tivesse sido muito menor. É fato, no entanto, que poucos anos depois, em 1549, chegava outro português que também iria causar profundas mudanças sociais, Francisco Xavier. As Missões tiveram início pela iniciativa de Xavier, empolgado com a mentalidade japonesa, e logo os primeiros jesuítas entravam no país para pregar o Cristianismo. Traduzindo com perfeição o título do presente texto, considera-se o início ‘século cristão no Japão’ como uma espécie de acomodação, um período em que os missionários criavam a base para a evangelização dos gentios nipônicos, enquanto os tristes acontecimentos posteriores a 1600, são um ótimo exemplo da resiliência dos religiosos.

O historiador português João Paulo Oliveira e Costa classifica as Missões japonesas em três períodos distintos:

“No que respeita ao período que vai de 1549 e 1598, destacam-se três fases distintas: a primeira, entre 1549 e 1576, em que apenas no último ano o número de religiosos atinge a vintena; a segunda, entre 1577 e 1586, década em que o número sobe rapidamente, atingindo em 1586 quase o sêxtuplo de 1576; depois, uma última em que a totalidade dos membros da missão nunca desce abaixo da centena. [...] A primeira conclusão que nos parece importante é que os números nos mostram como no último quartel quinhentista o Japão deixou de ser uma missão periférica para se tornar num centro missionário, elevado por isso, em 1581, à categoria de vice-província.” (OLIVEIRA E COSTA, 1999: 31)

Em seu maior número, portanto, os jesuítas contavam 120, durante os anos de 1577 e 1586. Durante o século XVI, especificamente em sua segunda metade, os jesuítas estruturaram a base para espalhar o Evangelho no arquipélago. O choque com a cultura japonesa foi grande e a complexa estrutura religiosa, um amálgama entre xintoísmo e budismo, mostrou-se uma barreira para as conversões. Não era conveniente aos monges budistas uma nova fé apresentada aos japoneses e logo eles recorreram aos poderosos para tentar demonstrar os danos que poderiam ser causados pela religião ocidental. Oda Nobunaga, no entanto, tinha os jesuítas em favorável estima, em parte por causa da melhoria em sua força bélica possibilitada pelos portugueses, em parte por estar em atrito com os bonzos. Muitos missionários também se apoiaram no comércio gerado entre os dois países em questão para impulsionar os esforços cristianizadores. Não por acaso, a taxa de conversão entre a nobreza local é muito maior no sul, onde o comércio proliferava em cidades portuárias como Nagasaki.

A Missão, portanto, encontrou um campo favorável para suas palavras, mas não sem obstáculos. Os religiosos europeus, por exemplo, experimentaram um isolamento realçado pela ausência de corpo militar ou governamental europeu, o Japão caminhava para uma solidificação territorial enquanto nação e o forte poder bélico suprimia qualquer possibilidade de invasão à força. Restava aos jesuítas o contato, antes da entrada de outros povos europeus, com os comerciantes portugueses e as Cartas Ânuaes como contato com o Velho Continente. Tinham dificuldade em manter “práticas Cristãs

(fortemente condicionadas pela civilização européia em que se haviam desenvolvido) a uma comunidade saída da gentilidade, que vivia num país governado por gentios” (Idem: pp.38-39); a falta de um latente cristianismo entrava em contraste com o xintoísmo, pensamento politeísta que adora aos *Kamis*, espíritos poderosos, divindades que dividem o mundo natural japonês. Muitos *Kamis* são ou objetos naturais majestosos ou pessoas que realizaram grandes feitos, a ligação profunda da população local com o pensamento tornava a idéia da natureza divina difícil de ser rebatida e, muitas vezes os jesuítas, talvez sem melhor alternativa, os colocavam como demônios: “teem todos estes gentios de Firoxima tão grande medo de cami que ali é venerado, que as mais das doenças graves e outros desastres que lhes sucedem, atribuem a castigo seu [...]” (GUERREIRO, 1930: p.67), relata uma das Cartas Anuais coletadas por Fernão Guerreiro. Assim, os religiosos encontraram-se excluídos do cenário internacional, com poucas fontes de contato para obter notícias, para simplesmente sentir um leve saber de sua terra natal, literalmente ilhados entre *Kamis*.

O clima era uma constante fonte de queixas, o Japão era um território com temperaturas baixas e o frio severo causava desconfortos nos missionários, muitas vezes acostumados com temperaturas altas, o suficiente para que Francisco Xavier recomendasse o envio de jesuítas do norte europeu (OLIVEIRA E COSTA, 1995: 218). As diferenças gastronômicas provocaram reações adversas. Enquanto jesuítas, como Francisco Xavier (Idem: p.219) não conseguiam se adaptar aos peixes e legumes consumidos, para o detrimento de sua saúde, há relatos de religiosos que trocaram de hábitos radicalmente e adotaram uma vida próxima ao cotidiano nipônico. Deve-se ainda considerar dois fatos, em relação aos cardápios disponíveis aos jesuítas: nas cidades portuárias, onde a chegada de navios portugueses normalmente provenientes de Macau disponibilizava alimentos a que estavam acostumados:

“O biscoito era o alimento de base. Cada jesuíta devia transportar consigo uma quantidade estimada de cerca de 306 litros (4 barris de 6 almudes cada) dos quais 76l (30%) eram de roscas biscoitadas. O arroz era outro dos cereais de largo consumo. [...] As carnes e derivados atingiam quantidades apreciáveis. [Além de duas arrobas de carne de vaca, havia um porco, sessenta lingüiças e galinhas vivas, de onde vinha a carne fresca]” (MATOS, 1994: 254),

Estes foram exemplos da alimentação a bordo. A popularização de certos alimentos introduzidos pelos jesuítas também foi notável, como escreve Fernando Castelo-Branco: “[No Japão se fabricam] doces especiais a que chamam *nambam*, *Xavier*, *dosso* (doce), *porto*, *tamago osomem* (fios de ovos), alguns deles exibindo nas caixas coloridas figuras de portugueses de narizes compridos e calças largas até o tornozelo, freiras e missionários. Estes doces encontram-se, sobretudo nas cidades onde os portugueses demoraram” (CASTELOS-BRANCO, 1994: p.621). O autor também nota a longa lista de novas palavras japonesas para as introduções portuguesas, como o *tempura*, que tem em sua raiz a palavra ‘tempero’ e o *kasutera*, corruptela do bolo castela, o pão de ló (Idem: pp.618-619).

Luís Fróis, jesuíta, também relata as dificuldades de adaptação cultural em um relato

“das coisas e dos conceitos que recolheu no seu Tratado, mais de 600 hábitos que eram completamente diferentes na Europa e no Japão. Notou, por exemplo, que não havia o mesmo sentido de castidade, que o infanticídio era praticado correntemente no Japão, e que entre os guerreiros o suicídio era uma questão de honra enquanto na Europa era pecado. Esse tipo de comparações não levavam Fróis a considerar que a civilização nipônica era bárbara ou demoníaca, mas pelo contrário que era tão aceitável e evoluída como a européia. A referência ao suicídio ritual dos bushi remete-nos mesmo para um questão que ainda hoje não é pacífica – a da relatividade do pecado” (OLIVEIRA E COSTA, 1999: 301-302).

Uma interessante característica das missões japonesas foram as diferentes relações que os jesuítas tiveram com o *Xogun*, detentor de fato do poder governamental. Oda Nobunaga iniciou a unificação japonesa, em parte com o emprego bem sucedido das armas de fogo; antes de concluir suas ambições, no entanto, foi assassinado por um de seus mais próximos generais e foi vingado por Toyotomi Hideyoshi, que deu prosseguimento à unificação. Hideyoshi faleceu durante uma tentativa de invadir a Coreia e foi seguido por Ieyasu Tokugawa, que por fim acabou por unificar as ilhas japonesas, após consolidar seu poder em 1600, na batalha de Sekigahara, a maior batalha travada em solo japonês até o presente.

Oda Nobunaga tinha simpatia pelos jesuítas e não colocou dificuldades em seu caminho, mas tanto Hideyoshi quanto Tokugawa, baixaram decretos severos que visavam a total expulsão dos jesuítas do território nipônico. Sem prévio aviso, Hideyoshi baixa o decreto de 1587, expulsando os religiosos ocidentais, heréticos em um país dos deuses, plural. Para o regente japonês, os missionários estavam encarregados de tornar dóceis os nativos para que os soldados europeus facilmente tomassem o país, além de ser notificado periodicamente sobre a destruição de templos xintoístas e budistas por japoneses convertidos. Em 1614, Tokugawa novamente expulsa a religião européia do Japão e acaba por fechar os portos japoneses para qualquer tipo de relação estrangeira, medida que durou cerca de dois séculos, punindo as infrações com decapitação.

A Companhia de Jesus ficou enfraquecida financeira e politicamente pela unificação, uma vez que sabiam como fortalecer a Evangelização através da rivalidade entre os *dáimios*. Quando o xogunato Tokugawa realiza esforços para a eliminação do cristianismo, fiscalizando estradas, vilas e aplicado punições pesadas para quem ajudasse ou escondesse os jesuítas, os *dáimios* não tiveram escolha, os jesuítas precisavam sair do país. A vida dos missionários foi dificultada ao limite e qualquer ajuda que recebessem colocava em risco os que se dispunham a amenizar sua situação. Qualquer fonte de dinheiro foi cortada, como descreve Valdemar Coutinho:

“Numa carta, [...] de 1626, o [...] P. Mateus de Couros refere a vigilância exercida sobre o capital investido nas actividades econômicas com os estrangeiros. Os Japoneses eram obrigados a declarar as quantias que enviavam para o comércio fora do Japão, a fim de que depois se pudesse estabelecer o controle do dinheiro entrado, que teria de estar em correspondência com o que havia saído. Esta medida destinava-se possivelmente, a eliminar qualquer entrada de dinheiro destinada ao sustento dos Padres que ainda estivessem escondidos no Japão” (COUTINHO, 1999: 43).

A resposta dos jesuítas é um claro exemplo da resiliência, tão característica da Ordem iniciada por Inácio de Loyola. Mesmo com a constante ameaça de decapitação caso fossem encontrados, continuaram a se deslocar no país, auxiliando japoneses que ainda se mantinham fiéis ao cristianismo. Viviam nas piores condições, obrigados a se

sustentar com esmolas, tentando ao máximo escapar da rígida fiscalização governamental, e dos monges, mudando de local sem nunca permanecer muito mais do que alguns dias:

“Nem esta estratégia da mudança de esconderijo evitará a descoberta e a prisão dos pregadores do cristianismo. As autoridades japonesas estavam mesmo empenhadas em os expulsar ou dar cabo deles, de qualquer forma. Valendo-se de métodos refinadamente ditatoriais, utilizaram os sérvios de delatores, tornando a permanência dos padres cada vez mais difícil. Alguns desses denunciante conseguiram infiltrar-se entre os seguidores do cristianismo, obtendo, assim, informações mais precisas que facilitavam a actividade dos que estavam encarregados de acabar co os pregadores da lei de Cristo” (Idem: 47).

O que mais chama atenção no caso, além da resistência e da notável demonstração de força de vontade por parte dos religiosos, foi que “em 1632-1633, ainda entraram missionários clandestinos” (Idem: 133).

Ainda que a acomodação tenha sido impossibilitada de maior manifestação pela insegurança proveniente da fragmentação política do Japão, as medidas contra o cristianismo provaram a resiliência comum à maioria dos irmãos. Não constitui uma regra sem exceções, uma vez que são documentados casos de apostasia como as famosas negações religiosas de Fábio Fucan (ELISON, 1991) e de Christóvão Ferreira (COUTINHO, 1999:84-85).

Referências bibliográficas:

- BARRETO, Luís Filipe. “A Herança dos Descobrimentos”. Revista ICALP, Instituto Camões, edição online, 2006, pp. 1-13.
- BOXER, Charles Ralph. *Estudos para a História de Macau, Séculos XVI a XVIII*, 1.º Tomo. Lisboa, Fundação Oriente, 1991.
- CASTELO-BRANCO, Fernando, “A influência portuguesa na culinária japonesa”. In: CARNEIRO, Roberto, MATOS, A. Teodoro de, *O Século Cristão do Japão, Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993)*. Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa; Instituto de História de Além Mar, 1994, pp.617-627.

COLLA, Elisabetta. “Estudar o impacte do Cristianismo na China: comparações por analogias versus saber ver”. In: PINTO, Paulo Mendes, TEIXEIRA, Alfredo (Dir.), *Revista Lusófona de Ciências das Religiões, Vieira e a possibilidade de um novo mundo: Missionaçãõ no Império Colonial Português*, Ano VII, n.º. 13/14. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2008.

COUTINHO, Valdemar, *O Fim da Presença Portuguesa no Japão*. Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.

COUTO, Jorge. “A difícil aceitação pela Companhia de Jesus do múnus da instrução”. In: *Sphaera Mundi: A Ciência na Aula da Esfera*. Manuscritos Científicos do Colégio de Santo Antão nas colecções da BNP. Lisboa: BNP, 2008, pp. 11-19.

ELISON, George, *Deus destroyed*. Harvard University Press, Cambridge, 1991.

LEITÃO, Henrique (Coord.). *Sphaera Mundi: A Ciência na Aula da Esfera*. Manuscritos Científicos do Colégio de Santo Antão nas colecções da BNP. Lisboa: BNP, 2008, pp. 12-19.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Tomos I e XVI. Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa: Temas & Debates, 2003.

GUERREIRO, Fernão. *Relaçãõ anual das coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus nas suas missões..., nos anos 1600 a 1609*. Coimbra. Imprensa da Universidade, 1930 (3 vol.).

FRANCO, José Eduardo. *O Mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente (Séculos XVI a XX), Das Origens ao Marquês de Pombal*. Vol. 1. Lisboa, Gradiva, 2006.

GAMBINI, Roberto. *Espelho Índio: A formaçãõ da alma brasileira*. São Paulo: Axis Muni/Terceiro Nome, 2000.

GONÇALVES, Rui Coimbra. “Alessandro Valignano, teólogo e missionário”. In: PINTO, Paulo Mendes, TEIXEIRA, Alfredo (Dir.), *Revista Lusófona de Ciências das Religiões, Vieira e a possibilidade de um novo mundo: Missionaçãõ no Império Colonial Português*, Ano VII, n.º. 13/14. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2008.

MADEIRA, João. “Os Jesuítas, a Acomodaçãõ e a Tolerância”. In: *Revista Brasileira de História das Religiões - Dossiê Tolerância e Intolerância nas manifestações religiosas*, Ano I, n. 3, Jan. 2009, pp. 1-7.

MASSIMI, M. e FREITAS, G. R. de “Acomodaçãõ Retórica e Adaptaçãõ Psicológica na Pregaçãõ Popular dos Jesuítas na Terra de Santa Cruz”. In: *Mnemosine* Vol.3, nº1, 2007, pp. 11-135.

MATOS, Artur Teodoro, “A bagagem e os alimentos nas viagens dos jesuítas do Japão (1576-1604)”. In: CARNEIRO, Roberto, MATOS, A. Teodoro de, *O Século Cristão do Japão, Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993)*. Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressãõ Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa; Instituto de História de Além Mar, 1994, pp.251-258.

MONUMENTA BRASILIAE. Roma: *Monumenta Historica Societatis Iesu*, 1956.

MOURÃO, José Augusto. “Gramatização e Missão”. In: PINTO, Paulo Mendes, TEIXEIRA,

Alfredo (Dir.). *Revista Lusófona de Ciências das Religiões, Vieira e a possibilidade de um novo mundo: Missionação no Império Colonial Português*, Ano VII, n.º. 13/14. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2008.

TEIXEIRA, Alfredo (Dir.), *Revista Lusófona de Ciências das Religiões, Vieira e a possibilidade de um novo mundo: Missionação no Império Colonial Português*, n.º 13/14. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2008.

OLIVEIRA E COSTA, João Paulo, *A descoberta da civilização japonesa pelos portugueses*, Lisboa, Instituto Cultural de Macau; Instituto de História do Além Mar, 1995.

_____. *O Japão e o Cristianismo no Século XVI*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.

_____. *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís de Cerqueira*, dissertação de doutoramento apresentanda à Universidade Nova de Lisboa, vol. 1. Lisboa, 1998.

OSSWALD, Cristina. “Jesuítas no Brasil – séc. XVI”. In: *Brotéria*, Cristianismo e Cultura. Vol. 170. Lisboa: Brotéria, fevereiro de 2010, pp. 135-146.

OKA, Mihoko. “Os Jesuítas e o comércio entre Macau e o Japão”. In: PINTO, Paulo Mendes e TEIXEIRA, Alfredo (Dir.), *Revista Lusófona de Ciências das Religiões, Vieira e a possibilidade de um novo mundo: Missionação no Império Colonial Português*, n.º 13/14. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2008.

PIAGET, Jean. *Psicologia e Epistemologia: Por uma teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1973.

SANDE, Duarte de S.J. “De missione legatorum Iaponensium ad Romanam curiam, rebusq.”. In: *Europa, ac toto itinere animaduersis dialogus*. Macau, Companhia de Jesus, 1590.

URBANO, Carlota. “O Padre António Vieira e a Companhia de Jesus”. In: FRANCO, José Eduardo (Coord.). *Entre a Selva e a Corte: Novos Olhares sobre Vieira*. Lisboa/Florianópolis, Esfera do Caos, 2009.